

+Análise epidemiológica dos casos de intoxicações exógenas por plantas medicinais no estado da Paraíba

Epidemiological analysis of cases of exogenous poisoning by medicinal plants in the state of Paraíba

Análisis epidemiológico de casos de intoxicación exógena por plantas medicinales en el estado de Paraíba

Recebido: 27/05/2020 | Revisado: 28/05/2020 | Aceito: 30/05/2020 | Publicado: 16/06/2020

Daniel Carlos Barbosa Patrocínio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1596-115X>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: nieldaniel00@gmail.com

Ana Beatriz Bomfim Gomes Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9069-2386>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: abeatrizbomfim98@gmail.com

Viton Dyrk Guimarães Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4901-7391>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: vdyrk@yahoo.com

Layla Beatriz Barroso de Alencar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8567-3671>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: laylabeatriz249@gmail.com

Jullyson David Fernandes de Azevedo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1746-658X>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: jullysonvet2019@gmail.com

Samara Crislâny Araújo de Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4911-3797>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: samaracrislany06@gmail.com

Saraghina Maria Donato da Cunha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3015-6175>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

E- mail: saracunha20@hotmail.com

Aleson Pereira de Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3430-477X>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: aleson_155@hotmail.com

Abrahão Alves de Oliveira Filho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7466-9933>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: abrahao.farm@gmail.com

Resumo

Plantas medicinais são espécies vegetais com propriedades terapêuticas estudadas pela fitoterapia, podendo ser utilizadas na produção de medicamentos elaborados para fins profiláticos, paliativos e curativos. A sua utilização tem se tornado cada vez mais frequente e, concomitantemente à elevada utilização dessas substâncias, verifica-se o crescente índice de intoxicações, tornando evidente a importância do uso consciente das plantas medicinais. Ao entrar em contato com o ser vivo esses agentes podem ocasionar reações biológicas, de modo a desencadear distúrbios no organismo e até mesmo o óbito. Este trabalho tem como objetivo avaliar os casos de intoxicações exógenas por plantas medicinais no estado da Paraíba. O presente estudo é do tipo descritivo, retrospectivo e quantitativo. O levantamento de dados foi obtido através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINANNET) no mês de maio de 2020, onde se referem a notificações entre os anos de 2013 e 2017. A análise sobre os casos de intoxicação exógena por plantas tóxicas revelou a prevalência dos casos nos mais variados aspectos e suas devidas limitações, com elevado número de dados ignorados ou em branco. Pode-se concluir que houve maior prevalência em pessoas do gênero masculino, que residem na zona urbana e possuem ensino médio incompleto, e a maior parte dos casos evoluíram para a recuperação sem sequelas.

Palavras-chave: Plantas tóxicas; Epidemiologia; Fitoterapia.

Abstract

Medicinal plants are plant species with therapeutic properties studied by phytotherapy, and can be used in the production of medicines prepared for prophylactic, palliative and curative purposes. Its use has become more and more frequent and, concomitantly with the high use of these substances, there is a growing rate of intoxications, making evident the importance of the conscious use of medicinal plants. When in contact with the living being, these agents can cause biological reactions, in order to trigger disturbances in the organism and even death. This work aims to evaluate the cases of exogenous poisoning by medicinal plants in the state of Paraíba. The present study is descriptive, retrospective and quantitative. The data survey was obtained through the Information System for Notifiable Diseases (SINANNET) in May 2020, where they refer to notifications between the years 2013 and 2017. The analysis of the cases of exogenous poisoning by toxic plants revealed the prevalence of cases in the most varied aspects and their due limitations, with a large number of ignored or blank data. It can be concluded that there was a higher prevalence in male people, who live in the urban area and have incomplete high school, and most cases evolved to recovery without sequelae.

Keywords: Toxic plants; Epidemiology; Phytotherapy.

Resumen

Las plantas medicinales son especies de plantas con propiedades terapéuticas estudiadas por fitoterapia, y pueden usarse en la producción de medicamentos preparados con fines profilácticos, paliativos y curativos. Su uso se ha vuelto cada vez más frecuente y, concomitantemente con el alto uso de estas sustancias, hay una tasa creciente de intoxicaciones, lo que evidencia la importancia del uso consciente de las plantas medicinales. Cuando entran en contacto con el ser vivo, estos agentes pueden causar reacciones biológicas, con el fin de provocar alteraciones en el organismo e incluso la muerte. Este trabajo tiene como objetivo evaluar los casos de intoxicación exógena por plantas medicinales en el estado de Paraíba. El presente estudio es descriptivo, retrospectivo y cuantitativo. La encuesta de datos se obtuvo a través del Sistema de Información para Enfermedades de Notificación (SINANNET) en mayo de 2020, donde se refieren a notificaciones entre los años 2013 y 2017. El análisis de los casos de intoxicación exógena por plantas tóxicas reveló la prevalencia de casos en los aspectos más variados y sus debidas limitaciones, con una gran cantidad de datos ignorados o en blanco. Se puede concluir que hubo una mayor prevalencia en los hombres, que viven en el área urbana y tienen una escuela secundaria incompleta, y la mayoría de los casos evolucionaron hacia la recuperación sin secuelas.

Palabras clave: Plantas tóxicas; Epidemiologia; Fitoterapia.

1. Introdução

Plantas medicinais são espécies vegetais com propriedades terapêuticas estudadas pela fitoterapia, podendo ser utilizadas na produção de medicamentos elaborados para fins profiláticos, paliativos e curativos (Silva et al., 2019; Silva et al. 2020). No Brasil, foi instituída em 2010, a Farmácia Viva, por meio da Portaria MS/GM n. 886/2010, que inseriu a fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS), visando garantir o acesso à população e incentivar o desenvolvimento tecnológico e industrial de saúde, assim como o fortalecimento da agricultura familiar (Vieira & Leite, 2018).

Nesse cenário, sabe-se que o país detém vantagens quanto ao uso de fitoterápicos, uma vez que possui a maior parcela de biodiversidade, conhecimentos tradicional e popular acerca do uso de plantas, bem como tecnologias para validar essas informações. Das 55.000 espécies vegetais catalogadas no país, 1100 foram avaliadas em suas propriedades medicinais (Barreto & Vieira, 2015).

Com efeito, a utilização dessas plantas, inseridas em sua maioria, na prática da medicina popular, tem se tornado crescente, constituindo-se como uma maneira eficaz de atendimento primário à saúde, de modo a complementar o tratamento geralmente empregado em populações de baixa renda. Pesquisas relatam que cerca de 91,9% da população brasileira já faz uso de algum tipo de erva com o objetivo de aliviar sintomatologias desagradáveis (Ethur et al., 2011). No entanto, concomitantemente à elevada utilização dessas substâncias, encontra-se o crescente índice de intoxicações, tornando evidente a importância do uso consciente das plantas medicinais (Silveira; Bandeira & Arrais, 2008).

A intoxicação é a causada pela inalação, ingestão ou exposição a substâncias nocivas que produzem metabólitos secundários. Quando em contato com o ser vivo, esses agentes podem ocasionar reações biológicas, de modo a desencadear distúrbios no organismo e até mesmo o óbito, a depender da susceptibilidade, da via de administração, do tempo ou frequência de exposição, além da dose ou concentração e das propriedades físico-químicas da substância (Silva et al., 2017, Vasconcelos; Vieira & Vieira, 2009).

Nesse contexto, o uso difundido dessas substâncias nos estados brasileiros é evidente. No entanto, ainda é comum à população a crença de que algo natural não possa proporcionar riscos e danos ao organismo (Ferreira & Pinto, 2010). Com base nas informações expostas,

essa pesquisa teve como objetivo avaliar os casos de intoxicações exógenas por plantas medicinais no estado da Paraíba.

2. Metodologia

O estado da Paraíba, cuja capital é João Pessoa, pertence à região nordeste do Brasil. A sua população foi estimada em 2010 em 3.766.528 pessoas distribuídas em 223 municípios em uma área de 56.467,239 km² (IBGE, 2010).

O estudo é do tipo descritivo, retrospectivo e quantitativo. Para elaboração deste trabalho, o levantamento de dados foi obtido através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINANNET), por meio das notificações registradas no site do Ministério da Saúde, referentes aos casos de intoxicação nos 223 municípios que compõem o estado da Paraíba e que possuem esse sistema de notificação.

A coleta de dados foi realizada no mês de maio de 2020, e a pesquisa referiu as notificações entre os anos de 2013 e 2017. Os dados analisados dos pacientes foram: gênero, faixa etária, zona de residência, escolaridade, agente tóxico e evolução. Realizou-se uma análise prévia dos dados através da utilização de planilha eletrônica (Microsoft Excel 2016).

3. Resultados e Discussão

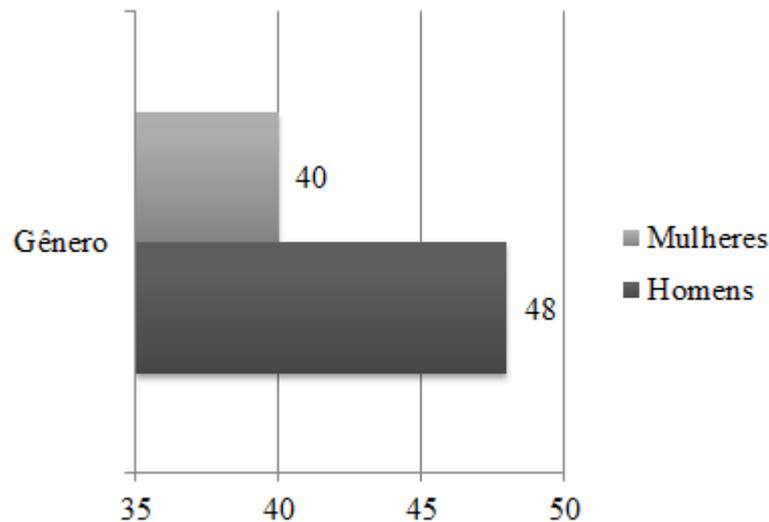
Embora o uso de ervas medicinais esteja sustentado no conhecimento popular, sua utilização necessita de cuidados essenciais, pois elas podem desenvolver propriedades indesejáveis produzidas pelo efeito tóxico e pela influência mútua com outras plantas ou medicamentos. Estes cuidados vão desde a seleção de plantas cuja eficácia e segurança foram comprovadas até a escolha das partes utilizadas e formas corretas de preparação e administração, possibilitando que a população tenha acesso a uma terapêutica eficaz e segura (Silva & Oliveira, 2018).

Ao analisar os dados sobre intoxicação exógena por plantas tóxicas no estado da Paraíba, é perceptível a prevalência dos casos nos mais variados aspectos e suas devidas limitações. No presente estudo, observou-se grande número de dados ignorados ou em branco, seja por falhas do profissional durante o preenchimento dos registros, seja por desconhecimento de quem informa (Klinger et al., 2016). Outrossim, o sentimento de culpa dos responsáveis pelo paciente infantil pode justificar a negação de informações, interferindo

assim, na noção do perfil de intoxicação exógena na Paraíba no período em questão (Margonato; Thomson & Paoliello, 2008).

A amostra deste estudo foi composta de 88 notificações de intoxicação exógena por plantas tóxicas registradas no SINANNET entre os anos de 2013 a 2017 no estado da Paraíba. Dentre estes, o maior número dos casos é do gênero masculino (54,5%), correspondendo a 48 notificações e, 45,5% do gênero feminino, com 40 notificações, como pode ser visto no gráfico 1.

Gráfico 1: Distribuição dos pacientes quanto ao gênero

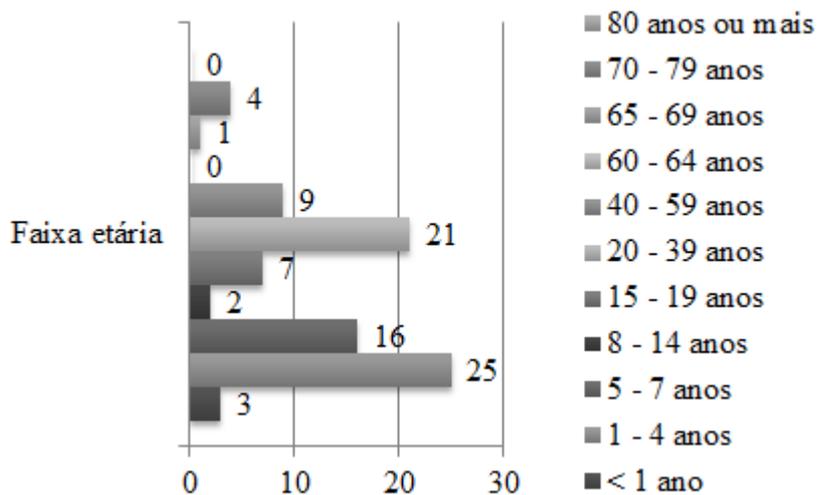


Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINANNET (2020).

A predominância parece não ter relação direta com os casos de intoxicação, visto que diversos outros estudos apresentaram maior prevalência no gênero feminino, ou até mesmo não obtiveram diferenças significantes em número entre eles (Baltar et al., 2017; Vieira, 2013).

Pode-se verificar que a faixa etária em que predominam essas intoxicações é a de 1- 4 anos, com 28,4%, seguida de 20-39 anos com 23,8%, de 5-9 anos com 18,1%, e de 40-59 anos com 10,2%. A faixa etária menos atingida foi a de 65-69 anos, com 1,13%, logo após a de 10-14 anos com 2,27%, e a de abaixo de um ano com 3,4% das notificações. Em pacientes com 80 anos ou mais não se registrou nenhum tipo intoxicação por plantas, como pode ser visto no gráfico 2.

Gráfico 2: Distribuição dos pacientes quanto à faixa etária.

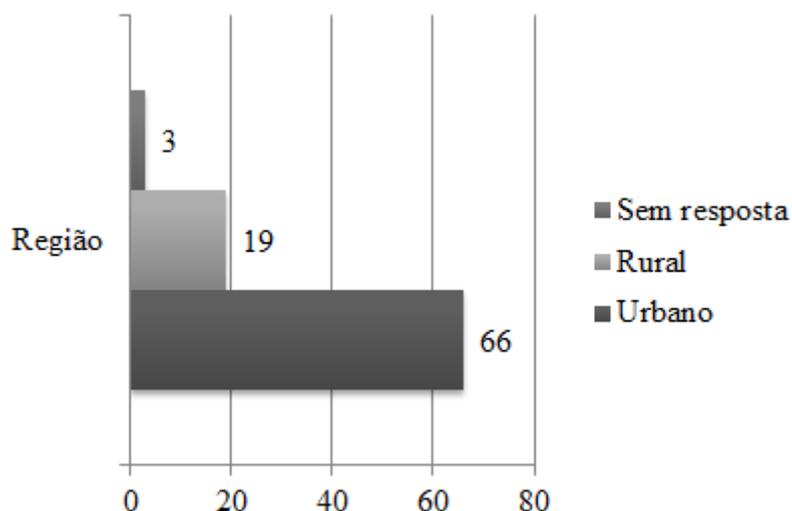


Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINANNET (2020).

Esses resultados ratificam os estudos de Santos et al. (2018), onde a faixa etária mais acometida foi de 1 a 9 anos e de 20 a 34 anos, sendo a menos atingida a dos idosos acima dos 60 anos.

A maioria desses pacientes que sofreram intoxicação exógena era de zona urbana (75%), o que corresponde a 66 registros, seguida da zona rural (21,5%), correspondendo a 19 registros, e nenhum registro na zona periurbana. Ainda houve 03 notificações em branco nesse quesito, o que equivale a 3,4% dos registros, visto no gráfico 3.

Gráfico 3: Distribuição dos pacientes quanto a zona de residência

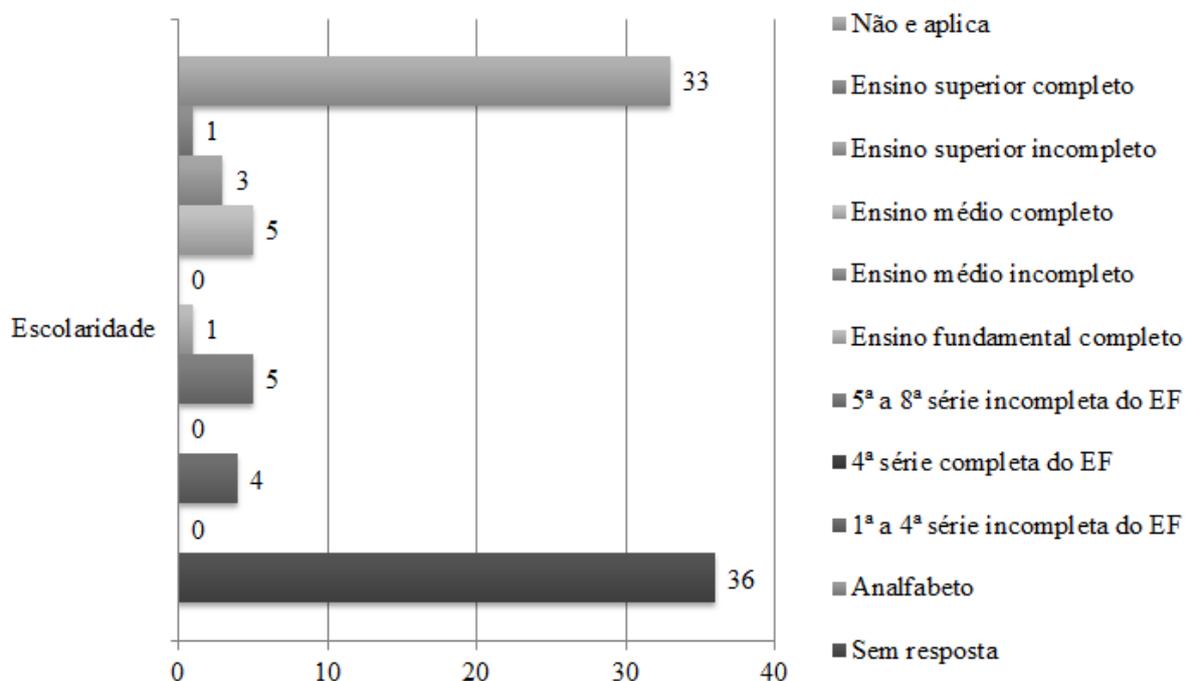


Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINANNET (2020).

Quando se observa o critério zona de residência, os dados vão de acordo com os trabalhos de Maciel et al. (2015) e Silva, Dias Junior e Moraes (2012) em que as ocorrências nessa zona foram de 74,3% e 92%, respectivamente. Este fato pode estar relacionado ao costume de utilizar plantas ornamentais em residências, ocasionando assim, intoxicações por acidente (Assis et al., 2000).

Observa-se que a população com ensino médio incompleto e 5^a a 8^a série do ensino fundamental incompleto, são predominantes nos registros com 05 casos cada, ou seja, 5,68% cada uma; logo após vem os de 1^a a 4^a série incompleta do ensino fundamental, com 04 registros, isto é, 4,54%; em terceiro lugar os de educação superior incompleto com 03 registros, correspondente a 3,4%; em quarto lugar os de ensino fundamental e educação superior completo com 01 registro cada, equivalendo a 1,13%. Dentre os classificados como analfabetos não foram registrados nenhum caso de intoxicação. Os registros em branco somaram 36 (40,9%), e ainda 33 (37,5%) dos registros não se aplicaram a esse quesito, visto no gráfico 4.

Gráfico 4: Distribuição dos pacientes quanto à escolaridade.



Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINANNET (2020).

De acordo com Bertoldi et al. (2004), em seu estudo, a intoxicação exógena por medicamentos ocorreu com maior frequência entre aqueles que tinham o nível de escolaridade

entre 5ª e 8ª série do ensino fundamental, evidenciando que não existe uma associação clara entre grau de escolaridade e número de casos notificados

Para a maior parte dos pacientes a intoxicação evoluiu a cura sem seqüelas, 68 casos do total (77,27%); não foi registrado nenhum caso de cura com seqüela; e nenhum óbito por intoxicação exógena por plantas ou óbito por outra causa. Ocorreu perda de seguimento em 01 registro (1,13%); e 19 foram os contabilizados em branco (21,5%).

Esses resultados corroboram o estudo de Baltar et al. (2016), em que cerca de 25% dos pacientes intoxicados foram considerados curados, e 29,9% apresentaram melhora na saúde, enquanto apenas 0,93% foram à óbito. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a evolução para cura sem seqüela pode chegar à 95,65% dos casos, podendo assim verificar que os dados expostos no quinto gráfico estão dentro dos parâmetros já encontrados na literatura e nos próprios órgãos de saúde pública.

4.Considerações Finais

Assim, as intoxicações exógenas causadas por plantas tóxicas no estado da Paraíba apresentaram uma maior prevalência em pessoas do gênero masculino, que residem na zona urbana e possuem ensino médio incompleto. Ademais, grande parte dos casos evoluíram para a recuperação sem sequelas. Os resultados em branco foram expressivos, evidenciando não só a premência de melhorias na notificação dos dados, mas também a necessidade de informar a comunidade.

Referências

Assis, A. L. B. P.; Pontes, R. L.; Figueiredo, G. S.; Medeiros, C. L. C.; Dias, J. C. V.; Albuquerque, M. P. & Braga, S. M. L. F. M. (2000) Estudo epidemiológico dos acidentes por plantas tóxicas no estado da Paraíba – Brasil. Sociedade Brasileira de Toxicologia.Revista Brasileira de Toxicologia. v. 13, n. 01, p. 42-132. São Paulo. ISSN 1415-2983.

Baltar, S. L. S. M. D. A., Franco, E. S., Souza, A. A., Amorim, M. L. P., Pereira, R. C. A., & Maia, M. B. S. (2017). Epidemiologia das intoxicações por plantas notificadas pelo Centro de Assistência Toxicológica de Pernambuco (CEATOX-PE) de 1992 a 2009.

Barreto, B. B., & Vieira, R. D. C. P. A. (2015). Percepção dos profissionais de saúde sobre a inserção da fitoterapia na atenção primária à saúde. *Revista de APS*, 18(2).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em Saúde. *Relatório: Vigilância em Saúde de Populações Expostas a Agrotóxicos no Estado da Paraíba*. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/images/pdf/2015/julho/08/Relat--rio---Para--ba.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2020, 20:00.

Ceolin, S., Ceolin, T., Casarin, S. T., Severo, V. O., Ribeiro, M. V., & Lopes, A. C. P. (2017). Plantas Medicinais e sua aplicabilidade na Atenção Primária à Saúde. *Revista de APS*, 20(1).

Ethur, L. Z., Jobim, J. C., Ritter, J. G., Oliveira, G., & Trindade, B. S. (2011). Comércio formal e perfil de consumidores de plantas medicinais e fitoterápicos no município de Itaquira-RS. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, 13(2), 121-128.

Ferreira, V. F., & Pinto, A. C. (2010). A fitoterapia no mundo atual. *Química Nova*, 33(9), 1829-1829.

Maciel, J. M. D. M. P., Brito, R. C., Sousa Jr, E. R., & Pinto, N. B. (2018). Análise retrospectiva das intoxicações por plantas no Brasil no período de 2000-2015.

Maricato, E. (2000). Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. *São Paulo em perspectiva*, 14(4), 21-33.

Nunes, C. R. M. et al. (2017). Panorama das intoxicações por medicamentos no Brasil. *E-ciência*, v. 5, n. 2, p. 98-103.

Oliveira, J. C., Musial, D. C., Souza Silva, P. M., & Souza Silva, F. M. (2010). < b>Intoxicações por Medicamentos Registradas na Região da COMCAM-Pr em 2007 e 2008. *Saúde e Pesquisa*, 3(3).

Santos, E. M., Gomes, K. M., Maior, L. P. S., Trajano, L. Q. C., Fonseca, S. A., Rocha, T. J. M., & Santos, A. F. (2019). Perfil dos casos de intoxicação por plantas em humanos no estado de Alagoas. *Diversitas Journal*, 4(1), 292-305.

Silva, A. C. M. et al. (2019). O uso de três plantas medicinais populares no Brasil: uma revisão da literatura. *Revista Saúde em Foco*, n. 11.

Silva, I. L., Alencar, L. B. B., Martins, B. A., Oliveira, E. N., Neto, S. D. C. R., Sátyro, MADSA, & Oliveira-Filho, A. A. (2020). Aplicações clínicas da curcumina (*Curcuma longa*) em distúrbios bucais. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 9 (7).

Silva, M. A. C., Dias Jr, W., & Moraes, M. G. (2012). Intoxicações causadas por plantas no estado de Goiás. *Enciclopédia Biosfera*, 8(14), 1576-1585.

Silva, M. I., & Oliveira, H. B. (2018). Desenvolvimento de software com orientações sobre o uso de plantas medicinais mais utilizadas do sul de Minas Gerais/Development of software with guidelines on the use of medicinal plants most used in the south of Minas Gerais. *Brazilian Applied Science Review*, 2(3), 1104-1110.

Silva, R. P. P., Antônio, S. A., Cavalcante, J. J. V., & Moraes, S. R. (2017). PLANTAS TÓXICAS EM ESCOLAS E SUAS IMPLICAÇÕES LEGAIS EM CASOS DE INTOXICAÇÃO. *Semioses*, 11(4), 21-26.

Silveira, P. F. D., Bandeira, M. A. M., & Arrais, P. S. D. (2008). Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 18(4), 618-626.

Vieira, V. D; & Leite, L. M. S. (2018). O uso do conhecimento popular das plantas medicinais utilizadas pela comunidade no Nordeste. *Revista Temas em Saúde*, Edição Especial-FIP 2018, p. 876-890.

Vasconcelos, J., Vieira, J. D. P., & Vieira, E. D. P. (2009). Plantas tóxicas: conhecer para prevenir. *Revista Científica da UFPA*, 7(1), 1-10.

Vieira, P. D. A. (2013). Avaliação das intoxicações por plantas em humanos no estado de Sergipe notificadas ao CIATOX.

Zambolim, C. M., Oliveira, T. P. D., Hoffmann, A. N., Vilela, C. E. B., Neves, D., Anjos, F. R. D., & Magalhães, M. G. (2008). Perfil das intoxicações exógenas em um hospital universitário. *Rev Med Minas Gerais*, 18(1), 5-10.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Daniel Carlos Barbosa Patrocínio – 11%
Ana Beatriz Bomfim Gomes Ribeiro – 11%
Viton Dyrk Guimarães Fernandes – 11%
Layla Beatriz Barroso de Alencar – 11%
Jullyson David Fernandes de Azevedo – 11%
Samara Crislâny Araújo de Sousa – 11%
Saraghina Maria Donato da Cunha – 10%
Aleson Pereira de Sousa – 10%
Abrahão Alves de Oliveira Filho – 15%